MOEDA

REVISTA PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, MEDALHÍSTICA E NOTAFILIA
VOLUME XXXIX N.º 2 ABRIL/JUNHO 2014 - € 5,00 - Publicação Trimestral

Tesouro achado decifra mistério quinhentista

NACH PORTVGALIS SHROT UND KORN

Portugueses e Portugaleses na Europa da Hansa

PARTE XI – Inventário dos Portugueses de ouro do reinado de D. João III, 1522-1539 (1.ª parte)

António M. Trigueiros

Introdução – Das fornaças do ouro às marcas monetárias nas moedas

D. Manuel I faleceu a 13 de Novembro de 1521, pelo que, dado o tempo necessário à abertura dos cunhos em nome de D. João III, as novas moedas joaninas só terão sido cunhadas nos primeiros meses de 1522. Em termos da história monetária e numismática, o reinado do rei Piedoso ficou marcado por três períodos, cujo perfeito conhecimento documental e cronológico ficamos a dever ao estudo publicado por Damião Peres em 1958, sobre a *História Monetária de D. João III*.

Primeiro período, início de 1522 a Agosto de 1525: os mesmos tipos manuelinos – Numa primeira fase, as moedas continuaram a ser lavradas de acordo com os tipos numismáticos do reinado anterior, apenas com a alteração do nome do soberano reinante, "IOHANES". Neste período, que terminou em Agosto de 1525, como não se registou qualquer desvalorização monetária, quer pelo aumento dos valores liberatórios, quer pelo abaixamento das ligas metálicas, não houve necessidade de alterar os elementos principais das gravuras das moedas de ouro e de prata.

O mesmo já não se pode dizer dos elementos que chamaremos de secundários, como o desenho heráldico das armas nacionais, ou o desenvolvimento da legenda titular do anverso, cujas alterações são mais da responsabilidade dos diferentes gravadores e abridores dos ferros para moedas. Em resumo, o primeiro tipo de português joanino é chamado "de estilo manuelino", correspondendo-lhe a numeração PT 3 na sequência cronológica desta inventariação.

É importante reparar que, nos poucos exemplares conhecidos deste raríssimo tipo PT 3 (só inventariamos 9 ex. sendo o último uma falsificação antiga e muito grosseira) a gravura do reverso permanece inalterada nas primeiras amoedações joaninas, cuja responsabilidade estava a cargo do ourives gravador Diogo Rodrigues (exerceu de 1497 a 1523), certamente com vários ajudantes, mais ou menos habilidosos. A partir desse ano de 1523, a tipologia manuelina do reverso das moedas, com as suas características letras "II" góticas traçadas ao centro e pares de duplos pontos intercalados na legenda com "Vincees", começa a ser substituída por novos cunhos já mais ornamentados, com as letras das legendas mostrando um acentuado recorte (serifadas) e com a novidade de ter quadrifólios intercalados na legenda.

É pois pela observação dos cunhos do reverso dos grandes portugueses de ouro, ainda

ao estilo manuelino, que entramos no reinado do rei Piedoso, um reinado que iria alterar profundamente a história de Portugal.

Segundo período, Junho de 1526 a Fevereiro de 1539: novos tipos joaninos – Segundo consta na documentação coeva, desagradando ao monarca o estado de desleixo e de imperfeição a que tinham chegado as produções da casa da moeda de Lisboa, que desprestigiavam a sua moeda de fino ouro e de rica prata, ordenou a 17 de Agosto de 1525 a abertura de novos cunhos:

«...vendo eu que os cunhos que se põem na moeda que nessa casa de lavra não são feitos nem abertos naquela perfeição que devem e costuma noutros Reinos, e como na dita minha moeda merece, por ser de tão fino ouro e prata como é, e achando por informação que a principal coisa por onde os ditos cunhos não são feitos nem abertos como devem, era o muito pouco mantimento ordenado que o abridor dos cunhos da dita casa tem, querendo a isso prover e dar maneira...» (Alvará de 17 de Agosto de 1525, transcrito na *História Monetária de D. João III*, documento n.º 3)

Desse trabalho o rei encarregou Diogo Álvares, ourives do infante D. Fernando seu irmão, que na altura já era abridor de cunhos e ensaiador da Moeda, razão pela qual viu o seu mantimento anual reforçado de 6$674 réis para 40$000 réis, com a obrigação de só produzir ferros de gravura bem feita, perdendo esse reforço e tendo que arcar com todo o prejuízo à sua custa, se a moeda ficasse mal cunhada, por defeito nos cunhos novos.

Mas não foi só o abridor que foi avisado das penas em que incorria se a nova moeda d´El-rei não saísse na perfeição, pois também são chamados à responsabilidade, nesse diploma, o **guarda dos cunhos** e os **cunhadores**, que deviam recusar lavrar moeda se *"acharem que os ditos cunhos não são na dita perfeição";* e os **salvadores**, que deviam inspeccionar todas as moedas a cunhar (na época, às chapas ou discos cortados e aperfeiçoados prontos a cunhar chamavam-se "moedas", e às moedas cunhadas, "dinheiro": assim se entende o que vem escrito neste texto), salvando as boas e cortando aquelas que não fossem *"da bitola e grandura das ditas amostras para o cunho novo e assim redonda como deve ser para bem tomar os ditos cunhos"*.

Um sério aviso do rei aos oficiais da sua Moeda – Por último e para que não sobrem dúvidas de que, neste assunto, a responsabilidade da fiscalização era colectiva a todos os oficiais da casa da moeda, envolvendo sobretudo o trabalho dos cunhadores e do guarda de cunhos das fornaças, D. João III termina com um aviso claro:

«...E vós ditos oficiais avisareis o dito guarda de cunhos e assim os ditos cunhadores da dita moeda, que sempre quando cunharem tenham bem cuidado de tudo o que dito é, ao que ao seu ofício tocar, façam assim bem como se deles confia e espera, porque quando se achar que, por sua falta, a dita moeda é mascavada e mal cunhada, se tornará tudo a eles e pagarão todas as despesas e quebras que se montar na que se tornar a fazer; e vós ditos oficiais tende nisso tal maneira e aviso, como os ditos cunhos e moeda não passem que não seja da dita amostra, porque quando passarem me tornarei a vós, ou a cada um de vós, e lhe darei aquela pena que me bem parecer.» (este Alvará de 17 de Agosto de 1525 só foi registado na casa da moeda a 3 de Maio de 1526)

Esta mudança estilística das gravuras numismáticas da moeda portuguesa não terá sido ordenada apenas por um "capricho" do monarca, em assunto de tanta importância. Os conselheiros do rei ter-lhe-ão certamente referido a necessidade de manter o prestígio e a boa aceitação no norte europeu dos cruzados e portugueses de ouro do seu pai, ao mesmo tempo que lembravam aquela sábia sentença do senhor rei D. João II, no acto da emissão dos Justos de ouro, em 1489: *«...porque as moedas de ouro geralmente correm*

Oficina ou casa da fornaça em 1500: laminagem das chapas; corte dos discos; e cunhagem do dinheiro, na casa da Moeda de Hall, Tirol, Áustria .
Do livro Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos

pelos reinos estrangeiros e por elas se guarda muito aos reis que as fazem e a sua riqueza e nobreza...». Essa era, de facto, a questão de fundo que presidiu à reforma dos cunhos de 1525, o prestígio internacional da moeda de ouro do rei de Portugal, numa época em que as ideias associadas ao Renascimento italiano já tinham revolucionado as gravuras numismáticas das moedas por toda a Europa.

A 23 de Setembro de 1525, D. João III devolve a Manuel da Costa, tesoureiro da Moeda, os primeiros ensaios aprovados "dois *portugueses e dois cruzados e três tostões, cunhados com os cunhos novos, que fez Diogo Alvarez"*, para que sirvam de amostras para todas as moedas que doravante se cunhem (*Damião Peres*, ob. cit., doc. n.º 4). Meses volvidos, a 14 de Junho de 1526, Diogo Álvares reúne os oficiais da Moeda na casa da balança e na presença do Tesoureiro apresenta *«mil quatrocentos e cinquenta e tantos cruzados, amoedados em portugueses* e *cruzados, que Diogo Machado, capataz de uma fornaça de ouro, lavrara, que veio entregar ao dito Tesoureiro»,* requerendo que sejam examinados e que, depois de verificada a perfeição do seu cunho e a qualidade do seu lavramento (na sua redondeza e bitola), ficasse registado que ele cumpriu com a sua obrigação e contrato para com El-rei, e que daí para diante, se a moeda não saísse como aquela que agora mostrava, a culpa não seria sua. (*Damião Peres*, ob. cit., doc. n.º 5)

As duas fornaças do ouro da Moeda de Lisboa em 1526 – Este último documento, no entanto, é muito mais importante do que fica dito, pois revela que, nessa época de 1526, na casa da moeda de Lisboa funcionavam duas fornaças de ouro e outras duas fornaças de prata, um facto que terá implicações na tipologia das moedas joaninas e das suas marcas monetárias, como veremos de seguida.

(Por "casa de fornaça" designavam-se as oficinas que trabalhavam os metais, o ouro, a prata e o cobre, em grupos orientados por um "capataz" e sob a supervisão de um "guarda das fornaças". Nestas fornaças

oficinais trabalhavam os "fornaceiros", que laminavam os lingotes em chapas com a espessura pretendida; os "salvadores", que cortavam as chapas na bitola pretendida e aperfeiçoavam os discos, ditos moedas; e os "cunhadores", que imprimiam o cunho nas moedas, fazendo o dinheiro.

Por "lavramento" deve entender-se o fabrico das moedas e a sua cunhagem em dinheiro – veja-se o meu texto sobre "A Casa da Moeda de Lisboa nos reinados de D. Manuel I e de D. João III", no livro *Moedas Portuguesas da época dos Descobrimentos*, p. IX-XIV, baseado nos ensinamentos recolhidos na obra prima do eng. Agostinho Gambetta*, História da Moeda*)

E o que lá se diz, em continuação da fala de Diogo Alvarez, é a seguinte fala do tesoureiro Manuel da Costa, o mais importante oficial da Moeda:

«...e o dito Tesoureiro, vendo o seu (dele) *dizer e que a dita moeda vinha tal como cumpria, assim de ouro como de prata, mandou chamar Francisco Gomez, capataz, e lhe mandou, e assim a Diogo Machado, capataz, que tivessem bom tento e lavrassem o ouro pela bitola e redondeza que Luis Guilhom, guarda das fornaças, que presente estava, lhes desse. E ao dito Luis Guilhom mandou que, antes que os ditos capatazes entregassem qualquer obra de ouro, olhasse se era tal como cumpre em rondeza e gileza* (sic)*, e não consentisse que se entregasse sem ser vista por ele, se era para pesar e entregar, e aos ditos capatazes, que presentes estavam, que a não entregassem, assim de ouro como de prata, sem por ele ser vista como Sua Alteza manda; e assim mais mandou a Dinis Fernandes, guarda do cunho, que quando quer que alguma moeda* (disco) *fosse ter ao dito cunho, ou os ferros de cunhar não fossem tais como cumpre à dita moeda sair bem cunhada, os não recebesse nem cunhe; e o dito Tesoureiro com este prover e mandar, se desobriga de todo defeito que lhe ao diante na moeda achar».* Assinam este Auto todos os intervenientes.

Primeira observação – Na prática do trabalho na casa da moeda, os principais responsáveis pela boa qualidade da moeda nova d´El-rei D. João III, eram os dois capatazes das fornaças, Francisco Gomez e Diogo Machado, supervisionados pelo guarda Luis Guilhom. Tudo dependia do bom trabalho de fornaceiros, salvadores e cunhadores. Quanto aos cunhos, do anverso e do reverso, eles eram distribuídos aos dois capatazes pelo guarda dos cunhos, que devia tomar boa nota do que dava e a quem dava.

Segunda observação – Mas sendo dois os capatazes e duas as fornaças, se acontecesse um desvio à boa qualidade imposta pelo rei, como se saberia quem era o responsável?

O significado das marcas monetárias, L e R – A resposta já foi dada pelo eng. Agostinho Gambetta, mas parece que a sua lição ficou esquecida:

«Eram então gravados, geralmente nas pilhas (cunho do anverso)*, os sinais dos capatazes, e porque havia capatazes do ouro, um ou dois, capatazes da prata, cinco ou sete, e um ou dois capatazes do cobre, e porque além disso havia com frequência duas ou três fornaças por ano, de cada capataz, fica explicada a multiplicidade de sinais em cada reinado e em cada tipo de moeda, quando a moda era exibir os sinais»* (*História da Moeda*, p. 162 e 287).

Ora, precisamente em 1525 renasceu a moda de exibir os sinais nas moedas do cunho novo, portugueses, cruzados, tostões e, desde 1527, nos vinténs, de forma a permitir aos oficiais da Moeda identificar a que fornaça pertenciam as moedas cortadas e cunhadas e quem tinha sido o capataz da dita fornaça. Sem os ditos sinais era inútil a severa fiscalização ordenada pelo rei.

(A "pilha" ou "follis", cunho empilhado ou foliado, de baixo, ficava embutido no cepo de madeira, por isso também chamada cunho inferior, ou dormente; o "troquel" ou "broque", cunho que fende ou grava, o de

Duas das famosas marcas monetárias, L-R e R-L encimadas por três pontos, que ladeiam o escudo nos portugueses joaninos. O seu registo pelo guarda das fornaças permitia controlar a qualidade da moeda fabricada

cima, com o escudo circular gravado, era uma peça móvel. Na cunhagem a martelo, o cunhador colocava o disco sobre a pilha, segurando em cima o troquel, que depois era martelado, impelindo o metal para dentro das cavidades da pilha - ver a História da Moeda*, p. 99.*

No caso dos Portugueses de ouro, verifica-se que os cunhos de cima (anverso na nossa terminologia) eram substituídos com muita frequência, originando as múltiplas variantes conhecidas, ao passo que a pilha ou cunho do reverso (cruz) parece ser sempre o mesmo)

Reside aqui, neste pormenor fabril de controlo de qualidade e de atribuição de responsabilidades aos capatazes das várias fornaças do ouro e da prata que se faziam ao longo do ano, a origem das misteriosas marcas monetárias que ladeiam o escudo real (cunho de cima ou troquel) nas moedas do novo cunho joanino saído da reforma de 1525: -- **as letras R-L ou L-R, ou a ausência delas, seriam os sinais ou as marcas monetárias previamente gravadas nos diferentes cunhos das armas reais, que iriam permitir controlar a qualidade do trabalho dos capatazes das duas oficinas do ouro e das duas oficinas da prata, em funcionamento simultâneo na casa da moeda de Lisboa.**

O que agora parece ser evidente, não o foi durante mais de 130 anos. Teixeira de Aragão, Batalha Reis, Ferraro Vaz, Damião Peres e outros mestres historiadores e numismatas atribuíram essas marcas a fundidores, ensaiadores, salvadores, gravadores... e nunca chegaram a um consenso. Para uns o R-L seria o primeiro de 1525 e L-R o último, isto porque existe um cruzado calvário de 1544 com essa marca. Nada disso, **são marcas da mesma época, não existindo uma sequência cronológica entre elas.**

O que atrás ficou dito foi confirmado por um achado de cruzados joaninos em Inglaterra, cuja ocorrência estatística há muito que devia ter sido estudada.

O tesouro achado em Sherborne, Inglaterra – Os estudiosos portugueses, ao contrário de outros europeus, têm dado nenhuma importância ao estudo de achados de moedas portuguesas, na França, na Inglaterra e nos Países Baixos, onde são frequentes.

Num desses achados, conhecido como "Sherborne 1970" (escavações no Old Castle, Sherborne, Dorset), foram encontrados, juntamente com 121 moedas de prata dos reinados de Eduardo IV e Henrique VIII (as mais recentes eram meios-pence do último tipo deste soberano, cunhados entre 1535-1540: *Kellerher, 2007 e outros*), 9 cruzados de cruz pequena do 3.º tipo de D. João III em soberbo estado de conservação e com pesos nalguns casos superiores ao legal. Note-se que estes cruzados novos só começaram a ser fabricados em Lisboa no início de 1539, sendo mais tarde substituídos pelos cruzados da cruz do Calvário, em finais de 1544.

Temos assim duas coincidências de datas: o entesouramente terá tido lugar, segundo os especialistas britânicos, em 1539, ou o mais tardar em 1540; e as moedas de ouro portuguesas lá encontradas só começaram a ser cunhadas no início de 1539. Daqui se conclui que as moedas exportadas para Inglaterra e enterradas em Sherborne, terão sido fabricadas em Lisboa em 1539-meados 1540.

Dos nove exemplares desenterrados, apareceram 5 marcas monetárias diferentes (ver

Cruzados joaninos de 1539-40 desenterrados em Sherborne

Exemplares à flor-de-cunho, com 6 tipos de marcas diferentes, pesos de 3,51 g a 3,61 g (com aneletes). Ao centro em baixo, dois com a mesma rara marca, um com 7 e o outro com 8 castelos.

a caixa anexa), sendo que quatro exemplares tinham a marca R-L (sendo 3 ex. iguais), outros tantos com a marca L-R (2 ex. iguais) e um exemplar sem marcas, com o escudo ladeado por aneletes.

Além da diversidade dos pontos cimeiros nestas marcas, em tão poucos exemplares duma mesma época, o aspecto ainda mais intrigante diz respeito aos 3 exemplares iguais, que ostentam as marcas R três pontos - L um ponto. Uma marca muito conhecida, por figurar em raros exemplares dos primeiros cruzados Calvário cunhados desde final de 1544.

A conclusão desta ocorrência estatística é agora óbvia: **as marcas monetárias joaninas R-L e L-R, com os seus pontos cimeiros, ou sem eles, são contemporâneas umas das outras e começaram a ser gravadas em simultâneo logo em 1539.**

E foi desta constatação num modesto tesouro inglês, o qual, apesar de já ter sido apresentado num congresso de Numismática em Portugal (*John Kent, 1985*), continuou a ser ignorado pelos estudiosos portugueses, que se descobriu a chave da cifra para os até então enigmáticos sinais ou marcas monetárias das moedas joaninas.

Marcas ou sinais que nada têm a ver com nomes de oficiais da Moeda. Eram marcas previamente gravadas nos cunhos das armas (neste caso, o troquel) e que, ao serem distribuídos pelas diferentes oficinas de cunhagem, permitiam ao guarda das oficinas identificar quem fazia o quê, nas diferentes empreitadas (fornaças) em que, ao longo do ano, se ia lavrando o ouro e a prata na casa da moeda de Lisboa.

Uns sinais sem pontos cimeiros, talvez a indicarem a primeira fornaça; com dois pontos, a fornaça seguinte; com três pontos, ainda uma terceira, como era uso fazer ao longo de um ano; e com as suas variantes de pontuação a indicarem qualquer outra combinação do trabalho executado nessas oficinas.

Terceiro período, início de 1539 a 1553/1556: suspensão da cunhagem, amoedações esporádicas – Assim se trabalhou até **Maio de 1537**, quando surge a primeira proibição de amoedação de portugueses e de tostões, ao mesmo tempo que se reforçou uma anterior proibição de fabrico dos meios tostões*:*

«... Pelos muitos inconvenientes que seguem ao bem e proveito de meus vassalos e naturais, lavrar-se em meu Reino portugueses, tostões e meios tostões, e me parecer

As marcas monetárias encontradas no tesouro de Sherborne

Sem letras

L-R
três pontos
três aneletes
sem pontos

R-L
sem e um ponto
três e um ponto

muito meu serviço mandar que se não lavrem, hei por bem e vos mando que daqui em diante nessa Casa se não lavrem mais os ditos portugueses, e somente se lavrem cruzados. E assim se não lavrem mais tostões nem meios tostões, somente vinténs e daí para baixo...»

No entanto, a **24 de Setembro de 1537** é levantada a proibição, para permitir que, *«... deste ouro que agora está na dita Moeda se lavrem os ditos portugueses e cruzados como se fazia antes que a dita provisão fosse passada, porquanto por alguma parte do dito ouro ser devido a pessoas que o emprestaram, a que se deve pagar nos ditos portugueses, o hei assim por bem»*, o mesmo acontecendo a **12 de Fevereiro de 1538**, com a cunhagem de tostões, necessários para seguirem na armada para a Índia (*Damião Peres*, ob. cit., doc. nºs 10, 12 e 13).

A razão para estas proibições prendia-se com a reforma monetária decretada pelas cortes de Valladolid de 1537, em que foi abandonada a cunhagem dos *excelentes de la granada* (de 375 maravedis) e a moeda de ouro espanhola peninsular passou a alinhar pelo *escudo imperial* de Carlos V, de menor valor, peso e toque (916,6 mil; 3,38 g; 350 maravedis).

Como nos ensina Vitorino Magalhães Godinho, esta quebra da moeda de ouro em Espanha prefigurava uma imensa fuga da boa moeda portuguesa para Castela, por troca pelo valor nominal da moeda enfraquecida do reino vizinho, obrigando a uma resposta imediata por parte de Portugal, configurada pela reforma que teve lugar em Novembro de 1538. (*Os Descobrimentos e a Economia Mundia*l, vol. II, pp. 59-60)

A lei de **29 de Novembro de 1538** (só registada na casa da moeda a 10 de Fevereiro de 1539), dá início à série de desvalorizações monetárias que caracteriza a segunda metade do reinado de D. João III, originando a suspensão das amoedações anteriores e a sua substituição por novos tipos monetários:

«Lei das Moedas – Sendo eu informado de alguns grandes inconvenientes que se seguiam a meus Reinos e Senhorios das moedas de ouro e de algumas de prata que nelas se lavravam e corriam, querendo por isso prover, mando que nas Casas da Moeda dos ditos meus Reinos se não lavre daqui em diante moeda de portugueses nem cru-

zados de ouro, da sorte que se até aqui lavravam. E somente se lavrarão cruzados de ouro do mesmo peso que os outros que se até aqui se lavravam, que é cada um de uma oitava de onça menos três quartos de grão (3,548 grama)*, e da lei de vinte e dois quilates e cinco oitavos largos* (942,6 milésimas)*; e valerão quatrocentos reais cada um. E o dito cruzado terá de uma parte uma cruz, e ao redor dela umas letras que digam: In hoc signo vincees. E da outra parte terá o escudo das minhas armas reais com letras que digam: Joanes tertius Portugalie e Algarbiotum Rex (...)»* (*Damião Peres*, ob. cit., doc. n.º 14)

As três oficinas do ouro na Moeda de Lisboa em 1539 – Para este nosso estudo tem interesse registar que, logo em Junho de 1539, foi ordenada uma terceira fornaça do ouro (i. e, a constituição de um terceiro grupo de moedeiros), além das duas que já havia, pelo muito ouro que à casa da moeda vinha, e que o fornaceiro nomeado capataz dessa terceira oficina foi Jorge Lopes, que logo ali prestou juramento perante o Tesoureiro e Alcaide da Moeda, João Rebelo, de que serviria com toda a fidelidade e diligência. Não se sabe por quanto tempo se trabalhou nesse regime das três fornaças, talvez seja desse período a nova marca "• - •" que aparece num único cruzado joanino do achado de Sherborne.

Anos depois, já com a produção reduzida às duas oficinas fabris habituais, foi este Jorge Lopes um dos dois capatazes do ouro que, em 1544, transformou o ouro que tinha vindo da Índia em escudos de São Tomé, e lavrou os primeiros cruzados de Monte Calvário. Um desses primeiros cruzados calvário levaria ainda as marcas da sua fornaça, o "R três pontos-L um ponto" ladeando o escudo real.

As amoedações esporádicas de portugueses de ouro em 1553 e 1556 – O conhecimento da existência de autorizações especiais para se amoedarem portugueses de ouro, quinze anos depois do seu fabrico ter sido proibido, é apenas documental, baseando-se em duas fontes diferentes, que se completam. A 18 de Outubro de 1553 o rei ordenou ao tesoureiro da Moeda de Lisboa, Manuel da Costa, o lavramento de cem portugueses de ouro, *"...do peso e da lei de vinte e quatro quilates, como os que se sempre fizeram na dita casa; e para isso se farão e abrirão os ferros necessários para o cunho; e tanto que os ditos cem portugueses forem feitos e acabados, se quebrarão e desfarão logo os ditos ferros do cunho que se para eles fizerem...»* (*Damião Peres,* ob. cit., doc. n.º 2. O treslado só foi registado a 7 de Maio de 1555, mas o fabrico foi mesmo em 1553)

Numa pesquisa aos livros do Tesoureiro da Moeda, Vitorino Magalhães Godinho revelou que a cunhagem de 1553 tinha envolvido 15 marcos, 3 onças, 6 oitavas e 21 grãos de ouro, no valor de 1000 cruzados, ou seja, 100 portugueses de ouro com o peso unitário de 35,51 g. E que, numa segunda amoedação em 1556, por conta da rainha, tinham-se lavrado 32 marcos, 3 onças, 6 oitavas e 48 grãos (7453,968 g), ou seja, para o mesmo peso unitário, 210 portugueses de ouro. (*Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, vol. II, 2.ª ed., p. 59)

Destinando-se estas amoedações extraordinárias a ofertas, presentes régios ou ao pagamento de dívidas antigas, é bem possível que alguns desses exemplares de 1553-56 tenham sobrevivido e se encontrem hoje em colecções públicas ou privadas, misturados com os outros de fábrica anterior. A questão que se coloca é saber se o seu cunho teria marcas especiais, que os identifiquem como de fábrica diferente.

Como distinguir uns dos outros? – Para esta dúvida não há ainda resposta possível. São conhecidos portugueses de ouro joaninos do tipo "Vincees" no reverso (tipo PT 4) com marcas R-L, L-R e sem marcas, mas estes últimos, que seriam uns sérios candidatos

A famosa fotografia n.º 36 publicada por Batalha Reis em 1948, de um exemplar excepcional, que nunca mais apareceu. Inventário IOA.01

às amoedações de 1553-56, já aparecem desenhados num códice iluminado de c. 1540, ou seja, confirma-se que também estes são contemporâneos dos outros marcados. (*Livro dos Ofícios Pontifícios*, ANTT, conforme o meu estudo *Códices Portugueses Quinhentistas Iluminados com Moedas*, ed. autor, Lisboa, 2009).

Dos exemplares do tipo "Vinces" no reverso (tipo PT 5), existem vários com elevados pesos, acima dos 35,30 – 35,40 g, que são fortes candidatos ao grau de super raridade quinhentista, como veremos. Nesta selecção, o peso é o factor mais importante, razão porque não posso deixar de lamentar a falta de consciência científica de certos leiloeiros e catalogadores, que não registam os pesos e demais características dos seus exemplares mais raros.

Inventário dos Portugueses de ouro e seus tipos numismáticos

Parte II – Reinado de D. João III, primeiro período 1522-1525

Método de classificação – Mantemos o método de classificação utilizado no inventário dos exemplares manuelinos (ver a revista anterior, p. 25), fixando a sequência cronológica pela mudança dos cunhos do reverso dos originais manuelinos do seu último tipo PT.02, até ao aparecimento de elementos decorativos intercalares na legenda

Foram inventariados 7 exemplares originais, com um peso médio de 35,10 g; uma reprodução galvanoplástica e um exemplar falso.

TIPO PT 3 – IOHANES. Estilo Manuelino. Reverso com "VINCEES" – 1522 a 1525

Descrição numismática genérica:

Anv. ✠ **IOHANES : 3º: R : PORTVGALIE : AL : C : VL : IN · A · D : G : // C · N : C : ETHIOPIE : ARABIE : PERSIE : I :** *(João III Rei de Portugal e Algarve daquém e Além Mar em África Senhor da Guiné // da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Pérsia, Arábia e Índia*), em duas coroas circulares limitadas por cercaduras granuladas. Ao centro, dentro de cercadura lisa, o escudo real coroado, de formato manuelino, com sete castelos, ladeado por aneletes.

(NN direitos; AA sem travessão; escudo manuelino sem ângulos sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa e no bico do escudo; forro da coroa traçado)

Rev. **:ИИ: :HOC: :SIGИO: :VIИCES:** (*Com Este Sinal Vencerás*), entre cercaduras lisas. Ao centro, a Cruz da Ordem Militar de Cristo em campo liso, pontuada ao centro e encimada por três pontos em linha.

Exemplar que pertenceu a Jules Meili, leiloado em 1910, adquirido por António Marrocos e novamente leiloado em 1995. Cunho manuelino IOA.02

Ouro, 986,6 milésimas, peso médio 35,2 g; Ø 35 mm

Características comuns a todas as moedas deste tipo PT 3: -- legenda exterior do anverso iniciada por cruz pátea ✠ e terminada em "G"; -- legenda do reverso distribuída uniformemente por toda a orla circular, tal como no tipo PT 2.

Variantes do cunho do anverso: -- cruz pátea no início da legenda interior; -- terminação das legendas; formato das letras ("NN" direitas ou invertidas, e "AA" com e sem travessão); -- formato do escudo (manuelino estreito ou largo)

Variantes do cunho do reverso: -- letras "II" traçadas e "NN" invertidas; -- letras "II" direitas e "NN" direitos; -- legenda intercalada por pontos; -- legenda intercalada por quadrifólios

PT 3.01 – Híbrido: anverso joanino, reverso manuelino com "VINCEES" Legenda intercalada por pontos

Nas primeiras amoedações joaninas, 1522-1523, foram utilizados dois cunhos de reverso que estavam em serviço no final do reinado anterior. Um cunho sem pontuação depois de "Vincees" (ver EMA.29); e um outro cunho com pontuação depois de "Vincees" (ver EMA.31 – 32 – 33)

PT 03.01.01 – Legenda interior do anverso terminada em "PERSIE"

(IOA.01) Anv. ✠ **IOHAИES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : IИ : A : D : G // ✠ C · И · C · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE** (as duas legendas iniciadas por cruz pátea sem pontos; numeral 3 sem anelete; letras "NN" invertidas e "II" direitas serifadas; falta "C · VL" na legenda exterior**;** escudo manuelino largo sem ângulos, com sete castelos, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa, com o bico tangente)
Rev.**: IИ : : HOC : : SIGИO : : VIИCEES** (letras "NN" invertidas e "II" traçadas; falta pontuação depois de "Vincees")

Reprodução fotográfica em B. Reis, *Guia duma notável colecção de moedas portuguesas*, estampa IV, n.º 36 (Lisboa, 1948): módulo e peso desconhecidos.

Exemplar de excepcional qualidade, cujo proveniência e paradeiro são também desconhecidos.

PT 3.01.02 – Legenda interior do anverso terminada em "PERSIE:I:"

Características comuns: no anverso: cruz pátea a iniciar a legenda exterior; letras serifadas, "NN" direitos; no reverso - letras "II" góticas traçadas; legenda intercalada por pontos.

Exemplar leiloado pela Sotheby´s em Londres em 1996. Novo cunho do reverso. IOA.05

(IOA.02) Anv. ✠ · **IOHANES · 3º : R · PORTVGALIE · A · C · VLIN · A · D · G · // C · NC · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE : I :** (letras serifadas, "NN" direitos; escudo manuelino largo sem ângulos, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa e no bico do escudo)
Rev. **:IN: :HOC: :SIGNO: :VINCEES** (letras "NN" invertidas e "II" traçadas; falta pontuação depois de "Vincees")

Leilão Roland Michel da colecção António Marrocos, de 5 Junho 1995, lote 101, Genéve, Suíça; ex-leilão J. Schulman da colecção de Julius Meili, Amesterdão, 23 Maio 1910, lote 250 – 35 mm; 35,28 g. Apresenta uma marca "x" puncionada no lado direito do escudo.

(IOA.03) Anv. ✠ · **IOHANES · 3º : R · PORTVGALIE · A · C · VLIN · A · D · G · // C · NC · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE : I :** (mesmo cunho do exemplar anterior)
Rev. **:IN: :HOC: :SIGNO: :VINCEES:** (letras "NN" invertidas e "II" traçadas; variante com pontuação depois de "Vincees")

Diapositivo de um exemplar reproduzido em A Trigueiros, *Moeda dos Descobrimentos, Prestígio de Portugal no Mundo*, p. 12, n.º 7 (Lisboa, 1983) – 35 mm; 35 g. Com três furos no reverso (foto a cor).

Nota-se neste exemplar a versatilidade na mudança de cunhos nestas primeiras amoedações joaninas: o mesmo cunho do anverso serviu com dois cunhos do reverso, ligeiramente diferentes apenas pela pontuação.

Este último cunho é exactamente igual ao dos portugueses EMA.26 (Museu Numismático Português), EMA.31, EMA.32 e EMA.33, revelando mais um pormenor de cunhagens híbridas, pelo aproveitamento de cunhos do reverso em serviço no final do reinado de D. Manuel I.

PT 3.01.03 – Legenda interior do anverso terminada em "PESE:I:"

(IOA.04) Anv. ✠ **: IOHANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : C : VL : IN · A · D : G : // C · N : C : ET: HOIPIE : ARABIE : PESE : I :** (NN direitos; escudo manuelino estreito, sem ângulos, 7 castelos, forro tracejado, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa, com o bico tangente)
Rev. **:IN: :HOC: :SIGNO: :VINCEES** (letras "NN" invertidas e "II" traçadas; falta pontuação depois de "Vincees")

Fundação Millennium BCP, Porto, Portugal, adquirido em 1974 – 35 mm; 35,24 g; eixo 9 horas (foto a cor).

Trata-se de um exemplar surpreendente, pela elegância do seu estilo manuelino puro, com um escudo estreito à maneira das amoedações originais de 1499. No entanto, o desenho das letras é joanino, igual ao dos exemplares anteriores. Surpreendente é também o desastre na composição da legenda interior do anverso, terá sido obra de um aprendiz

desatento. O cunho do reverso é o mesmo dos exemplares IOA.01 e 02

PT 3.01.04 – Variante do reverso, letras "II" direitas, grotescas Legenda interior do anverso terminada em "PERSIE"

(IOA.05) Anv. ✠ **IOHANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : IN : A : D: G : //** ✠ **C · N · C · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE** (mesmo cunho do exemplar IOA.01 acima)
Rev. **:IN: :HOC: :SIGNO: :VINCEES:** (letras "NN" e "II" direitas, grotescas; pontuação depois de "Vincees")

Leilão Sotheby´s, Londres, UK, Maio 1996, lote 45 – 34-35 mm; 35,04 g. Cunhagem descentrada.

O cunho do anverso é o mesmo de IOA.01, com as duas cruzes páteas e a legenda terminando em "Persie". O cunho do reverso é novo, gravado em substituição do anterior manuelino, mas sem a elegância daqueles, com as letras "II"e "NN" direitas não serifadas (ou grotescas).

PT 3.01.05 – Variante do reverso, letras "II" direitas, serifadas Legenda interior do anverso terminada em "PERSIE·I"

(IOA.06) Anv. ✠ **IOHANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL · IN : A · D : G // ✠ C · N · C · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE · I** (as duas legendas iniciadas por cruz pátea sem pontos; numeral sem anelete por cima; letras "NN" invertidas e "II" direitas serifadas; falta "C · VL" na legenda exterior**;** escudo manuelino largo sem ângulos, com sete castelos, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa, com o bico tangente)
Rev. **:IN: :HOC: :SIGNO: :VINCEES:** (letras "NN" e "II" direitas serifadas; pontuação depois de "Vincees")

Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, da colecção António Pedro de Andrade, ex-leilão J. Schulman da colecção de Julius Meili, Amesterdão, 23 Maio 1910, lote 251 – reprodução em cobre dourado de um português joanino inédito – 35 mm.

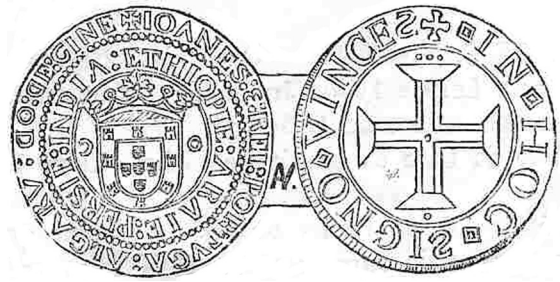
Não devemos menosprezar a importância numismática dos ensaios de cunho, reproduções galvanoplásticas ou de outro tipo. Tal como nos fósseis, essas reproduções estão desprovidas do conteúdo intrínseco do original, mas transmitem-nos a sua aparência exterior, neste caso, o das suas gravuras, revelando mais um sub-tipo joanino inédito, com o anverso do exemplar IOA.03 e um novo reverso de substituição do cunho manuelino.

PT 3.02 – Novo cunho do reverso com "VINCEES". Legenda intercalada por quadrifólios. Letras serifadas

Um terceiro cunho do reverso seria introduzido em conjunto com os anteriores anversos, daí resultando uma moeda com características numismáticas bem diferentes.

(IOA.07 e 08) Anv. ✠ · **IOHANES · 3º : R · PORTVGALIE · A · C · VLIN · A · D : G · // C · NC · ETHIOPIE · ARABIE · PERSIE · I :** (letras serifadas; "NN" direitos; "AA" góticos; escudo manuelino largo sem ângulos, com sete castelos, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa e no bico)
Rev. ✠ ✧ **IN** ✧ **HOC** ✧ **SIGNO** ✧ **VINCEES** ✧ (legenda iniciada por cruz pátea e intercalada por quadrifólios; letras serifadas; "NN" invertidos)

IOA.07 – Leilão Numisma 44, Abril 2002, Lisboa, lote 8 – 35 mm; 35,25 g. Com três furos em triângulo no 1.º quadrante da cruz. Exemplar bem centrado e cheio, o que não acontece com o próximo (foto a cor).



Desenho publicado em 1738 na História Genealógica*. Na época era o único do seu tipo conhecido, razão porque tão grosseira falsificação foi bem aceite pelos coleccionadores. IOA.09*

IOA.08 – Banco Espírito Santo, colecção Carlos Marques da Costa, Lisboa, Portugal, inv.º 183.02 – 35 mm; 34,80 g. Ilustrado no livro *Moedas Portuguesas da época dos Descobrimentos*, p. 157.

O cunho do anverso é o mesmo dos exemplares IOA.02 e 03, amoedados ainda com o cunho manuelino original do reverso. O novo reverso introduz na legenda as letras serifadas, já em uso no anverso, a par de elementos decorativos novos, os quadrifólios com âmago, nunca antes utilizados nestas moedas. No entanto, nota-se um claro retrocesso artístico, com as letras "NN" direitas numa face e invertidas na outra.

Há ainda que reparar na má cunhagens dos exemplares IOA.02, 03 e IOA.08, bem descentrados no disco e com falta de leitura da legenda lateral esquerda exterior.

PT 3.03 – IOANES // VINCES: uma falsificação antiga
Legenda interior terminada em "INDIA"

(IOA.09) Anv. ✠ **IOANES : 3 : REI : PORTVGAL : ALGARVE : DO : DE : GINE // ETHIOPIE : ARAIE : PERSIE : INDIA :** entre cercaduras granulada e lisa (NN direitos; AA sem travessão; numeral 3 invertido; escudo manuelino largo sem ângulos, de base arredondada, com 8 castelos, sobreposto na cercadura linear nas pontas dos florões da coroa, acostado de G (invertido) e de anelete.

Rev. ◂ ¤ **IN ¤ HOC ¤ SIGNO ¤ VINCES** (cruz na orla central; letras "SS" invertidas e "NN" direitas; legenda intercalada por quadrados com pontas)

Museu Numismático Português, INCM, Lisboa, Portugal, inventário n.º 4950, ex-colecção de Lopes Fernandes, donde transitou para a colecção do rei D. Luís I – 34 mm; 34,81 g.

Vem desenhada na História Genealógica da Casa Real Portuguesa (1738, nº 58), em Lopes Fernandes (1861) e em Teixeira de Aragão (1871, n.º 1)

Este exemplar bem que poderia representar a face visível do desagrado do rei D. João III, perante a degradação da qualidade da gravura e da amoedação a que chegou a cunhagem dos seus portugueses de ouro; este exemplar bem que poderia ser apontado como aquele que esteve na origem da reforma estilística e emblemática ordenada em Agosto de 1525.

Poderia, mas não foi nada disso.

Para quem estuda a Numismática portuguesa aplicando noções matemáticas, de frequência estatística e de cálculo de probabilidades, este exemplar da colecção de D. Luís I é uma grosseira falsificação. Antiga, sim, mas muito grosseira

mesmo, com uma legenda titular que intercala palavras em latim com outras em português moderno e que termina com "India", um nome que só foi usado numa única amoedação quinhentista, na legenda latina do Escudo de São Tomé, de 1544 (e em muitas amoedações espanholas posteriores).

Uma das vantagens na elaboração deste inventário dos portugueses de ouro é a possibilidade de aplicar métodos científicos modernos, de índole estatística, ao conjunto inventariado, tomado como uma amostra aleatória e representativa do conjunto total das amoedações realizadas; ou ainda, a qualquer exemplar que mostre características fora do normal, para a sua época, estilo artístico, legendagem e processos de fabrico. Como este, que está fora de todas as probabilidades, de todos os estilos e de todas as épocas.

O facto de estar documentado desde 1738, de ter pertencido à colecção de Lopes Fernandes e do rei D. Luís I, e de ter sido catalogada por Teixeira de Aragão, não é motivo suficiente para atestar a sua genuinidade. Um estudo técnico profundo, ao nível da estrutura da liga metálica, deveria comprovar aquilo que para nós é uma evidência numismática: trata-se de uma falsificação das muitas que se fizeram por todo o século XVIII (veja-se o caso do morabitino de Braga).

Trata-se de uma cópia grosseira dos exemplares IOA.07 e 08 acima, cuja permanência nos catálogos portugueses só foi possível pelo desconhecimento de exemplares genuínos desta época e deste período, como os que aqui agora se mostram.

Parte III – Reinado de D. João III, segundo período 1526-1539

Método de classificação – Tal como no inventário dos exemplares manuelinos, a constatação de uma grande variedade de cunhos do anverso (escudo) e de uma muito reduzida variedade de cunhos do reverso (cruz) permite explicar o critério de classificação adoptado: os **dois tipos principais** dizem respeito ao cunho do reverso, com "VINCEES" (tipo PT 4) ou com "VINCES" (tipo PT 5) na legenda invocatória.

Cada um destes dois tipos principais divide-se em **três sub-tipos**, consoante as marcas monetárias que passaram a ostentar ladeando o escudo real: 1 – marcas R-L; 2 – marcas L-R; 3 – sem marcas.

Por sua vez, cada um destes três sub-tipos apresenta, como **principais variantes de cunho**, de fácil e imediata identificação, os símbolos ou emblemas com que se inicia a legenda titular do anverso: 1 – uma cruz (pátea, simples ou alongada); 2 – um quadrifólio com âmago; 3 – um trifólio (pontuado ou não); 4 – um triângulo.

Quanto à **legenda titular**, que tem início na orla circular exterior e só termina na cartela que passa por baixo do escudo real, verificou-se que o seu desenvolvimento é dinâmico, ou seja, qualquer atraso ou avanço na composição das letras, das palavras ou da pontuação intercalar, resulta de imediato numa cartela com legendagem muito diferente. Esta é a razão porque não demos muito importância a essas variações das letras na cartela, preferindo antes, fixar como variante principal as últimas palavras ou letras da legenda exterior.

Sequência cronológica das amoedações – É muito provável que este ordenamento corresponda à sequência cronológica das amoedações, já que, em 1525 os portugueses de ouro eram cunhados com "Vincees" e, quando se deu a reforma de 1538/39, os cruzados de ouro passaram a ostentar a legenda do reverso com "Vinces". Resta saber em que

ano se terá dado essa mudança do cunho do reverso, uma pergunta que terá resposta pela análise estatística dos exemplares inventariados, tal como fizemos no reinado de D. Manuel I.

1537, o ano da mudança – Foram inventariados 45 exemplares de portugueses de ouro joaninos do tipo renascentista, dos quais, 34 exemplares com "VINCEES" e 11 exemplares com "VINCES" no reverso, ou seja, em percentagem, 75,6% e 24,4%, respectivamente. Se aplicarmos esta frequência de exemplares inventariados aos 13 anos da fabricação continuada destas moedas (desde meados de 1526 até final de 1538), teremos que a mudança do cunho do reverso terá ocorrido 9,8 anos depois, ou seja, em meados de 1536.

Acontece, porém, que existem ainda dois exemplares com "Vincees" cuja existência é conhecida (Biblioteca Nacional de Paris), mas cuja inventariação não foi possível fazer, por falta de resposta dessa instituição. Contando com mais esses dois exemplares, a distribuição com "Vincees" sobe para os 80% e o ano da mudança para 10,4 anos depois de meados de 1526, ou seja, finais de 1536, início de 1537.

1537, a primeira suspensão – Nesse ano de 1537 deu-se, em Abril, a primeira ordem de suspensão do lavramento dos portugueses de ouro, um marco histórico que, combinado com a análise estatística, permite-nos deduzir que a mudança do cunho "Vincees" do reverso para "Vinces" está associada ao recomeço das amoedações em Setembro de 1537, cunho esse utilizado até à suspensão final de finais de 1538, início de 1539, ou seja, apenas durante mais quinze meses, onde trabalharam três fornaças do ouro com as suas marcas específicas.

Uma das descobertas mais interessantes deste inventário é a constatação de que, quando se deu a mudança para os novos cunhos do reverso com "Vinces", continuaram a ser usados vários cunhos do anverso das anteriores amoedações.

Peso médio inventariado – Dos 45 exemplares inventariados, apenas 37 têm registos metrológicos. Destes, com legenda "Vincees" são 28 ex., cujo peso médio é 34,78 g; e com legenda "Vinces" são apenas 9 ex., com um peso médio de 35,22 g.

Tipologia das amoedações de 1553-56 – Depois da suspensão definitiva de 1538/39, houve ainda as duas amoedações especiais de 100+210 exemplares em 1553 e 1556, cujas características físicas e numismáticas começam agora a revelar-se: -- peso médio de 35,51 g; reverso com "VINCES"; pouca quantidade, logo boa qualidade de gravura; com um único tipo de marcas monetárias (uma única fornaça).

Do que agora sabemos, podemos então adicionar no inventário a categoria **"Candidatos às amoedações de 1553-56"**, para aqueles exemplares do tipo PT 5 – reverso com "VINCES", com um peso superior ao nosso peso médio. O nosso melhor candidato é um exemplar com as marcas R-L (ver IOA.48, na segunda parte deste inventário).

Conclusão – O resultado alcançado neste inventário, temos que o dizer, ultrapassou as nossas expectativas. Pela primeira vez temos à nossa disposição um olhar novo sobre as amoedações joaninas, um novo e sistemático ordenamento tipológico, associado a uma sequência cronológica que se ajusta à documentação coeva conhecida, explicando-a, e que se pode também aplicar aos cruzados de ouro e às moedas de prata deste reinado.

TIPO PT 4 – IOANES. Estilo renascentista. Reverso com "VINCEES" – 1526 a 1537

Características comuns a todas as moedas com cunho "Vincees" no reverso: o elemento decorativo central na orla, às 12 horas, que substituiu os três pontos em linha nas amoedações do estilo manuelino, é um florão quadrifólio com âmago, ladeado e por debaixo por pares de pontos.

Descrição numismática, em termos genéricos:

Anv: ✠ **IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : D : VL : IN : A : D : G · C · N : C ·** *(João III Rei de Portugal e Algarve daquém e Além Mar em África Senhor da Guiné da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Pérsia, Arábia e Índia*), entre cercaduras lisas ou peroladas. Ao centro, dentro de cercadura lisa, o escudo real coroado, de formato acentuadamente quadrangular, com sete castelos, coroa com florões muito ornamentados, ladeado por marcas monetárias e circundado inferiormente por uma cartela semi-circular, contendo a continuação da legenda titular **ETI : AR – A : PSIE: I,** interrompida pela base do escudo.

Rev: **: ¤ : (IN : ▶: HOC : ▶: SIGNO : ▶: VINCEES)** (*Com Este Sinal Vencerás*), na orla, inscrita em cartela circular, intercalada por ornatos pontuados, entre cercaduras lisas. Ao centro, dentro de cercadura perolada, a Cruz da Ordem Militar de Cristo, pontuada ao centro, circundada por um fio ornamental e cantonada por ornatos lobulares pontuados.

Ouro, 986,6 milésimas, peso 35,48 g (712,5 grãos); dia 39/40 mm; eixo variável. Valia 4.000 desde 1517, aumentando para 5.000 reais em 1559. Depois da Restauração, em 1646 o seu valor foi fixado em 10.000 reais.

Novo módulo joanino – É importante notar a grande mudança verificada no módulo da moeda, que era de 35 mm nos exemplares de estilo manuelino, aumentando para 39-40 mm nos exemplares do novo estilo renascentista joanino, ou seja, passou a ser uma moeda mais fina e mais elegante. Note-se que o módulo registado nas moedas tem a ver com a redondeza do disco, a perfeição da cunhagem e o desgaste na circulação.

PT 4.01 – Marcas monetárias R-L ladeando o escudo

PT 4.01.01 – Anverso: legenda iniciada por cruz pátea alongada, terminada em "I : A · D : ". Marcas R-L um ponto

Características comuns do anverso: legenda exterior iniciada por cruz pátea alongada, com pontos, terminando em "I:A:D:"; escudo ladeado por R – L com um ponto cimeiro, florões da coroa contidos no campo; cartela inferior bem visível.

Características comuns do reverso: o elemento decorativo central na orla às 12 horas é um florão com pares de pontos em baixo e dos lados; legenda iniciada por rectângulo com o vértice superior ladeado por pontos (**º▲º),** intercalada por trifólios pontuados (ou triângulos · ▶**:)** e terminada com pontuação depois de "Vincees"

Os cinco exemplares abaixo são idênticos e partilham o mesmo cunho do reverso; no entanto, a um deles falta o anelete no numeral 3.

(IOA.10 a 14) Anv: ✝ **: IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : A · L · C : V : L · I : A · D : – (: ETI OA: P · I · T : PSIE I** ·), entre cercadura granulada e lisa

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(º▲º IN · ▶: HOC · ▶ SIGNO º▲º VINCEES :)**, entre cercaduras granulada e perolada. Legenda iniciada com triângulo pontuado, uma característica que é única deste cunho.

IOA.10 – Banco Central dos Países Baixos, Colecção Numismática Nacional, ex-colecção da Universidade de Leiden, RBN n.º 76ª, Amesterdão, inventário AP-00292 – 38 mm; 34,235 g. Esteve exposto durante a XVII Exposição Europeia (1983, Jerónimos n.º 435)

IOA.11 – Fundação Millennium BCP, ex-colecção Afonso Pinto de Magalhães n.º 47, Porto Portugal, adquirido a Augusto Molder – 36,90 mm; 33,87 g; eixo 12 horas
IOA.12 – Leilão Sothebys, 30 Maio 1996, lote 46, Londres, UK – 38 mm; 35,10 g. Apresenta traços de ter estado montado.
IOA.13 – Leilão Leu Numismatics 55, de 19 Outubro 1992, lote 18, Zurique, Suíça – 38 mm; 33,46 g; eixo 6 horas. Apresenta traços de montagem.
IOA.14 – Banco Espírito Santo, colecção Carlos Marques da Costa, Lisboa, Portugal – catalogado sem indicações metrológicas. Como variante, o numeral 3 sem anelete cimeiro.

PT 4.01.02 – Anverso: legenda iniciada por cruz pátea. Marcas R-L três pontos

Características comuns do anverso: legenda iniciada por cruz pátea; escudo ladeado por R – L com três pontos cimeiros; cartela inferior interrompida pelo escudo.

Características comuns do reverso: legenda intercalada por trifólios pontuados.

Os cinco exemplares abaixo indicados apresentam duas variantes do cunho do anverso, mas partilham o mesmo cunho do reverso, com excepção do último, IOA.19, que apresenta uma variante no elemento decorativo central.

Cunho A do anverso: legenda exterior termina em **"ETIO"**; numeral 3 sem anelete; florões da coroa interceptam a cercadura superior

(IOA.15 a 17) Anv: ✠**: IOANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : D** *(invertido)* **: G : C : N : C : ETIO : – (ARAB – PSEI :**), entre cercadura granulada e lisa. Legenda sem "VL:IN:A"
Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(IN ▶. : HOC · ▶: SIGNO : ▼ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada.

IOA.15 – Museu Numismático Português, INCM, Lisboa, Portugal, inventário n.º 9432 – 37 mm; 34,89 g. Vem ilustrado em *Teixeira de Aragão*, I, estampa XV, n.º 2.
IOA.16 – Museu Numismático Português, INCM, Lisboa, Portugal, inventário n.º 4951 – 38 mm; 34,93 g
IOA.17 – Leilão SBV 29, de 30 Janeiro 1992, lote 1258, Basileia, Suíça – 37 mm; 34,95 g. Mau estado de conservação

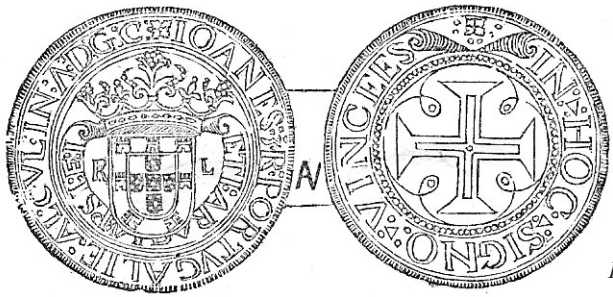
Cunho B do anverso: cruz pátea com dois pontos cimeiros; legenda exterior termina em **" ARBI :"**; numeral 3º com anelete; florões da coroa contidos no campo.

(IOA.18 e 19) Anv: ✠ *(dois pontos cimeiros)* **IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : D : G : C · NC · ETI : ARBI : – (PERSIE – INDI**), entre cercaduras lisa, granulada e lisa no exterior, lisa fina, meia cana grossa e lisa no interior; legenda sem "VL:IN:A:"
Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(IN ▶. : HOC · ▶: SIGNO : ▼: VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada.

IOA.18 – Leilão Hess Divo 297, 22 Outubro 2003, lote 160, Zurique, Suíça – 38 mm; 35,20 g. Excelente estado de conservação.
IOA.19 – Fundação Millennium BCP, ex-colecção Banco Mello n.º 86, Porto, Portugal, adquirido em 1974 – 39,0 mm; 35,30 g; eixo 04 horas. Apresenta uma variante do reverso, com o quadrifólio central da orla substituído por ✳ polifólio de 8 pontas com âmago.

PT 4.01.03 – Anverso: legenda iniciada por florão quadrifólio. Marcas R-L sem pontos

Características comuns do anverso: legenda exterior iniciada por florão quadrifólio (¤); escudo ladeado por R – L sem pontos cimeiros; cartela inferior visível sob o escudo.



IOA.20

Características comuns do reverso: legenda intercalada por trifólios pontuados.

Os cinco exemplares abaixo indicados partilham o mesmo cunho do reverso, apresentando diferenças significativas no desenvolvimento da legenda do anverso, que são indicadas caso a caso.

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(IN ▶ : HOC · ▶: SIGNO : ▶ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada

Cunho A do anverso: legenda exterior termina em **"A D G C"**; florões da coroa interceptam a cercadura superior; cartela inferior visível sob o escudo

(IOA.20) Anv: **¤ IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : C · VL · IN : A : D : G : C : – (ETI : ARABIA: PSIE : I**), entre cercadura granulada e lisa; legenda completa.

Ilustrado na *História Genealógica da Casa Real*, n.º 56 e reproduzido na *Memória das Moedas de Lopes Fernandes*, p. 125. Não apareceu nenhum exemplar com esta terminação (ver a foto em cima).

Cunho B do anverso: legenda exterior termina em **"A D G C N C"**; florões da coroa interceptam a cercadura superior; cartela inferior visível sob o escudo.

(IOA.21 e 22) Anv: **¤ IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : C : VL : IN : A · D : G : C · N : C · – (ETIO : ARABIA: PSIE : IN**), entre cercadura granulada e lisa; legenda completa.

IOA.20 – Leilão Numisma 39, Maio 1999, lote 15, Lisboa, Portugal. O mesmo exemplar apareceu nos leilões da mesma firma de 1994 (Maio, lote 99) e de 1995 (lote 21) – 38 mm; 33,62 g

IOA.21 – Leilão Beaussant Lefèvre, 21 Outubro 2010, Paris, França, lote 468 – s/peso Exemplar igual aos anteriores, mas mais bem conservado

Cunho C do anverso: legenda exterior termina em **"C N C : ET"**; florões da coroa interceptam a cercadura superior; cartela inferior interrompida pelo escudo.

(IOA.23) Anv: **¤ IOANES · 3º · R · PORTVGALIE : AL : C · VL : IN : A · D · G · C · N : C : ET – (IO : ARA - PSIE**), entre cercadura granulada e lisa

Leilão J. Schulman da colecção Álvaro Araújo Ramos da Bahia, 15 Março 1909, lote142, Amesterdão, Países Baixos – s/peso

Cunho D do anverso: legenda exterior termina em **"ETIOPI : A : R"**; florões da coroa interceptam a cercadura superior; cartela inferior interrompida pelo escudo.

(IOA.24) Anv: **¤ IOANES · 3º · R : PORTVGALIE : AL : D : G : C : N · C : ETIOPI : A : R – (AD** *inv* **A : P : - INDI**), entre cercadura granulada e lisa; legenda sem "VL:IN:A:"

Leilão J. Schulman, da colecção Jules Meili, de Zurique, 23 Maio 1910, lote 253, Amesterdão, Países Baixos – 38 mm; 35,20 g. O mesmo exemplar foi à praça no leilão Almeida Basto e Piombino, da colecção Galliera e outros, 1949, lote256, Lisboa, Portugal, onde ficou por vender. Paradeiro actual desconhecido (ver a foto ao lado).

IOA.24

PT 4.01.04 – Anverso: legenda iniciada por florão quadrifólio, terminada em "A : D : G : C · N ". Marcas R-L com três pontos

(IOA.25) Anv: ¤ **IOANES · 3º · R : PORTVGALIE** ∴ **AL : C : VL** ∴ **IN : A : D : G : C · N – (ETI AR - A PSIE I**), entre cercadura granulada e lisa grossa. Escudo ladeado pelas marcas R-L com três pontos cimeiros; florões da coroa contidos no campo; três pontos em triângulo intercalados na legenda

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(IN ▶ : HOC · ▶: SIGNO : ▶ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada. É o mesmo cunho anterior.

Banco Espírito Santo, colecção Carlos Marques da Costa, Lisboa, Portugal – catalogado sem indicações metrológicas, o que diminui o seu valor.

PT 4.02 – Marcas monetárias L-R ladeando o escudo

PT 4.02.01 – Anverso: legenda iniciada por cruz simples, terminada em "ETI:". Marcas L-R com três pontos

(IOA.26) Anv: **+** *com dois pontos cimeiros* **IOANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : D : G : O : A : C : ETIO : – (. PAIRAR - AAIPOI**), entre cercadura granulada e lisas; legenda sem "VL:IN:A:". Cartela inferior interrompida pelo escudo, com as letras "AA" sem travessão; florões da coroa contidos no campo

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(IN ▶: . HOC · ▶: SIGNO : ▼ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada

Leilão Numisma 27, de Março 1996, lote 18, Lisboa, Portugal, ex-colecção Carvalho Monteiro, do leilão J. Schulman de 28 Junho 1926, lote 37 – 39 mm; 34,9 g.

PT 4.02.02 – Anverso: legenda iniciada por cruz pátea, terminada em "E · TI". Marcas L-R com três pontos

Características comuns do anverso: legenda exterior iniciada por cruz pátea (✠) e sem o anelete do numeral 3; escudo ladeado por L-R com três pontos cimeiros; cartela inferior visível sob o escudo.

Características comuns do reverso: legenda iniciada por "**.** IN" intercalada por trifólios (triângulos) pontuados.

Os cinco exemplares inventariados são perfeitas cópias do mesmo par de cunhos, uma invulgar ocorrência em termos estatísticos, indicando uma produção muito regular e em quantidade

(IOA.27 a 31) Anv: ✠**: IOANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : D : G : C : N : C :** *(CC invertidos)* **E : TI : – (: ARBI A : PESIE : IN :**), entre cercaduras granulada e lisas. Legenda sem "VL:IN:A"

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(. IN ▶: . HOC · ▶: SIGNO : ▼ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada. Ponto antes de "IN".

IOA.27 – Banco Central dos Países Baixos, Colecção Numismática Nacional, Amesterdão, inventário AP-00295 – 37 mm; 34,615 g

IOA.28 – Fundação Millennium BCP, Porto Portugal, adquirido em 1974 – 39,0 mm; 35,23 g; eixo 07 horas.

Talvez seja este o exemplar que pertenceu à colecção de Eduardo Luiz Ferreira do Carmo (1877), adquirida depois por João Correia Aires de Campos e leiloada em Coimbra em 1921 nas colecções do conde de Ameal.

IOA.29 – Banco de Portugal, Lisboa, ex-leilão SBV 29, de 30 Janeiro 1992, lote 1257, Basileia, Suíça – 38 mm; 35,37 g.

Este exemplar seria um bom candidato às amoedações de 1553-56, pelo seu elevado peso muito acima da média, se não fosse o caso de pertencer ao tipo diferente.

IOA.30 – Leilão Stack´s, de 14 Janeiro 2008, lote 3100, ex-leilão Heritage Galleries, de 9 Janeiro 2006, lote 14478, USA – 35 mm; 34,68 g. Em muito mau estado

IOA.31 – Numismática Leilões 4, de 2013, lote 865, ex-Numisma Leilões 88, de 2011, lote 124 – 36 mm; 34,51 g. Com defeito e restaurada. Ilustrada em Gomes 186.02 (192.02)

PT 4.02.03 – Anverso: legenda iniciada por florão quadrifólio, terminada em "ETIO". Marcas L-R com três pontos

(IOA.32) Anv: **¤ : IOANES : 3º : R : PORTVGALIE : AL : D : G : C : N : C : ETIO – (PIA :. A – BI : P :**), entre cercaduras granulada e lisas. Legenda sem "VL:IN:A"; cartela inferior interrompida pelo escudo; florões da coroa interceptam a cercadura.

Rev: **: ¤ :** dois pontos por baixo **(. IN ▶: . HOC · ▶: SIGNO : ▼ : VINCEES)**, entre cercaduras granulada, lisa e perolada. Ponto antes de "IN". É o mesmo cunho do reverso dos exemplares anteriores.

Banco Central dos Países Baixos, Colecção Numismática Nacional, Amesterdão, inventário AP-00296 – 39 mm; 35,191 g. Excepcional qualidade e até agora único na sua tipologia da gravura do anverso.

(2.ª parte e conclusão deste inventário no próximo número)

Bibliografia seleccionada (além da já indicada) **- Parte XI** (1.ª parte)

COUVREUR, Raúl da Costa. "Cronologia das moedas de D. João III". *Anais* da APH, II, 10, 205

GELDER, Enno van, "De Vondst Amersfoort 1894" (O Achado de Amersfoort), em Jaarboek voor munten penningkunde, dl. 42 (1955), 7-40. Acessível em: http://numis01.zxq.net/Numis1/PDF/1565.pdf

GODINHO, Vitorino M. *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa: 1983, 2.ª ed., II, 59

KELLERHER, Richard. "Continental Gold and Tudor England". British Numismatic Journal, 77, 2007

KENT, John P. C. "The Circulation of Portuguese coins in Great Britain". *Anais* do III Congresso Nacional de Numismática. Lisboa: CNP, 1985, p. 189

PERES, Damião. *História Monetária de D. João III*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1957-58

SOUSA, António Caetano de. *História Genealógica da Casa Real Portugueza*, vol. IV. Coimbra: 1947

TRIGUEIROS, António M. *Códices Portugueses Iluminados com Moedas*. Lisboa: ed. de autor, 2009

- *Moeda dos Descobrimentos, Prestígio de Portugal no Mundo,* Lisboa: ed. de autor, 1983

TRIGUEIROS, A. M. e GOMES, Alberto. *Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos 1385 – 1580*. Lisboa: ed. Alberto Gomes, 1992

Inventário dos Portugueses de Ouro
Reinado de D. João III, 1522 - 1539

IOA.01 – Estilo manuelino, “PERSIE” / “VINCEES”

IOA.03 – Estilo manuelino, “PERSIE:I” / “VINCEES”

Inédito

IOA.04 – Estilo manuelino, “PESE I” / “VINCEES”

Fotos: cortesia Fundação Millennium BCP

Inventário dos Portugueses de Ouro

IOA.07 – Estilo manuelino, novos cunhos do reverso

Fotos: Numisma Leilões 44

IOA.09 – Uma falsificação grosseira e antiga

Fotos: Museu Numismático Português

Moedas Iluminadas – O tipo PT.03 no *Breviário de D. João III*, c. 1525

Reinado de D. João III, 1522 - 1539

Inédito

IOA.10 – R-L, cruz pátea longa; legenda com "I:A:D"

Fotos: cortesia National Numismatic Collection, Central Bank of The Netherlands, Amsterdam

IOA.11 – R-L, cruz pátea longa; legenda com "I:A:D"

Fotos: cortesia Fundação Millennium BCP

Moedas Iluminadas – O tipo PT.04 nos *Ofícios Pontifícios* de 1540

Inventário dos Portugueses de Ouro

IOA.15 – R-L, cruz pátea; legenda com "CNC ETIO"

Fotos: Museu Numismático Português

Inédito

IOA.19 – R-L, cruz pátea; legenda com "ETI ARBI"

Fotos: cortesia Fundação Millennium BCP

Inédito

IOA.27 – L-R, cruz pátea; legenda com "CNC ETI"

Fotos: cortesia National Numismatic Collection, Central Bank of The Netherlands, Amsterdam

Reinado de D. João III, 1522 - 1539

IOA.28 – L-R, cruz pátea; legenda com "CNC ETI"

Fotos: cortesia Fundação Millennium BCP

IOA.29 – L-R, cruz pátea; legenda com "CNC ETI"

Fotos: cortesia Banco de Portugal

Inédito

IOA.32 – L-R, florão; legenda com "CNC ETIO"

Fotos: cortesia National Numismatic Collection, Central Bank of The Netherlands, Amsterdam